

Brasil acerta dívida com Clube de Paris em fevereiro

Brasília - Jamil Bittar

BRASÍLIA — O governo espera fechar a renegociação da dívida de aproximadamente US\$ 20 bilhões com o Clube de Paris (governos de países ricos) em 24 de fevereiro. Esta é a primeira decorrência prática da aprovação da carta de intenções do Brasil pelo Fundo Monetário Internacional. Há quase dois anos o país não amortiza a dívida com o Clube e os atrasados ultrapassam US\$ 4 bilhões.

O ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, informou que iniciará os primeiros entendimentos com autoridades do Clube de Paris na viagem que começou ontem à Europa. Depois, enviará à capital da França diretores do Banco Central para fazer os acordos e, no dia 24, os presidentes dos bancos centrais do Clube devem se reunir para aprovar a proposta brasileira de renegociação. "Não vamos pedir descontos, como estamos fazendo com os bancos privados, mas sim um alongamento da dívida para 15 ou 20 anos." A quase totalidade do débito vence nos próximos cinco anos, caso não seja renegociado.

A renegociação de US\$ 42 bilhões com bancos privados estrangeiros, iniciada no ano passado, não terminará tão cedo. Marcílio disse ontem que só terminará em três ou quatro meses, mas esclareceu que se trata de um acordo complexo, com os banqueiros podendo optar entre cinco propostas. Além disso, a dívida envolve cerca de 600 bancos, embora exista um comitê de representantes.

A equipe de renegociação da dívida externa, comandada pelo economista Pedro Malan, teve ontem em Nova Iorque mais uma rodada de conversações com representantes dos bancos privados credores, a terceira desta semana. A reunião de ontem foi com os banqueiros do Citibank (EUA), Lloyds (Inglaterra) e Morgan Guarantee Trust (EUA), que compõem a presidência do Comitê Assessor dos Bancos Credores, chefiado por Mike De Grassenried, do Citibank. Apesar da aprovação do acordo brasileiro com o FMI, ainda não há indicações de aceleração nas negociações com os bancos credores. Hoje possivelmente haverá nova reunião em Nova Iorque, mas as discussões serão interrompidas novamente na próxima semana, quando Pedro Malan estará em Davos, na Suíça, acompanhando o ministro Marcílio Moreira num seminário sobre a economia mundial.

Com a carta de intenções aprovada pelo FMI,



Marcílio: não pedirei descontos

começa uma revoada de secretários, diretores e técnicos da área econômica pelos países ricos, para explicar o programa econômico do Brasil. O objetivo é influenciar na renegociação da dívida com os credores privados e mostrar que o país começa a apresentar condições de receber novos investimentos. "Queremos capital de risco", disse Marcílio ontem, antes de viajar para Davos, na Suíça. Na segunda quinzena de fevereiro, seguem para os Estados Unidos, Canadá e Japão os secretários de Política Econômica, Roberto Macedo, e de Planejamento, Pedro Parente, além do diretor da Área Internacional do Banco Central, Armínio Fraga.

Marcílio concedeu várias entrevistas antes de viajar. Na Europa, ele terá encontro com dezenas de autoridades e banqueiros, para mostrar o significado da aprovação do acordo com o FMI. "A decisão do FMI é um sinal importante para os agentes econômicos internacionais e põe fim a uma fase de incertezas sobre o Brasil. Depois de 12 anos, o Brasil tem chances de sair da crise. "Nosso programa não está solto no ar. Desta vez, existem todas as chances de dar certo", profetizou.